IMAGENS DE GUERRA, GUERRA DE IMAGENS: A COBERTURA JORNALÍSTICA EM DOIS MOMENTOS DA GUERRA EUA/IRAQUE

João Elias Nery[1]
Maria José Guerra[2]

Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. (W. Benjamin)

Resumo: O trabalho analisa manchetes de jornais de sete países – EUA, Espanha, Alemanha, Itália, França, México e Brasil – de 20/3/2003 e 10/04/2003, datas nas quais a imprensa registrou, respectivamente, o início da Guerra EUA/Iraque e o controle da cidade de Bagdá pelas "Forças de Coalização". A análise tem como referencial teórico, de um lado, a semiótica e, de outro, autores como Walter Benjamin, Noam Chomsky e Susan Sontag. Os objetivos principais são: investigar elementos éticos presentes na cobertura e analisar a produção de sentidos propiciada pelas imagens e textos das manchetes veiculadas.

Palavras-chave: ética e mídia; cobertura jornalística; guerras, semiótica.

Abstract: The present work analyzes newspaper headlines from seven countries – USA, Spain, Germany, Italy, France, Mexico and Brazil, published on March 20th, 2003 and April, 10th, 2003, dates at which the press recorded the start of war on Iraq and the control of Baghdad by the "coalition forces" respectively.

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Docente na área de Comunicação Social na Universidade Ibirapuera. *E-mail*: eliasnery@uol.com.br

On the one hand, the analysis takes Semiotic as theoretical referential. On the other, it uses authors such as Walter Benjamin, N. Chomsky and Susan Sontag. The main objectives are to research the ethical elements present in the coverage and analyze the manufacture of senses propitiated by the images and texts from the transmitted headlines.

Key words: ethics and mass communications; press coverage; wars; semiotic.

INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior (NERY, 2002), abordamos a questão ética tendo como parâmetro produtos da indústria cultural que apresentavam diferentes aspectos da relação ética e mídia. Neste artigo, analisamos a cobertura da Guerra EUA/Iraque em dois momentos: os primeiros bombardeios, ocorridos em 20 de março de 2003 e a entrada da "Força de Coalização" – como ficou conhecido o grupo de países que apoiou a ação dos EUA no Iraque – em Bagdá, em 10 de abril do mesmo ano.

A pesquisa inclui manchetes publicadas em capas de jornais do Brasil, EUA, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e México nos quais observamos que duas fotos marcam o início e o fim da guerra: em 20/03, quando são lançados os primeiros disparos, a "foto-símbolo" é a que traz um míssil no ar, aparentemente dirigido a um edifício. Cerca de 70% dos jornais utilizaram essa foto; em 10/04, dia em que as forças americanas entram em Bagdá, a "foto- símbolo" é a da estátua de Saddam Hussein sendo derrubada. Posteriormente, fotos veiculadas pela mídia exibiram a "captura" de Saddam Hussein pelas "Forças de Coalização" como imagem da vitória dessas últimas sobre o poder despótico comandado por aquele.

Nosso referencial para esta análise está centrado, de um lado, em autores e obras das ciências sociais, com destaque para as obras *Civilização e barbárie* e *Mídia, ética e sociedade*. A primeira, organizada por Adauto Novaes, traz artigos de diversos intelectuais discutindo as oposições que estabelecemos entre Ocidente e Oriente (principalmente o Oriente Médio) tendo a noção de civilização para o Ocidente e de barbárie para a outra parte. A segunda reúne artigos que analisam diferentes aspectos éticos envolvidos na Guerra EUA/Iraque. Em outra chave conceitual, analisamos o tema a partir da semiótica e, ainda, de conceitos desenvolvidos por autores como W. Benjamin, T. Adorno, S. Sontag e N. Chomsky, que, em diferentes circunstâncias, produziram reflexões críticas acerca do papel da cultura e da comunicação.

O trabalho analisa fotos e títulos de manchetes publicados em jornais, relacionando-os a uma ética jornalístico-publicitária. Dito de outro modo, pretendemos trazer o aspecto ético como fundamento da cobertura da guerra pela imprensa.

Cobertura jornalística das guerras

As guerras são, no contexto dos séculos XX e XXI, de um lado, motor para expansão de poderosas indústrias e centros de pesquisa; de outro, fundamento da resolução dos conflitos. Há que se considerar, ainda, sua configuração, no cenário midiático, como grandes espetáculos. Ao analisar, sob uma perspectiva crítica, as guerras da primeira metade do século XX, Benjamin (1994, p. 195) considerou que "todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra, e somente a guerra, permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes".

No "breve século XX" (HOBSBAWM, 1994), a humanidade produziu a "era das catástrofes", na qual o poder de destruição impôs-se à capacidade de utilização dos inventos e da tecnologia em favor da instauração do bem-estar humano.

No campo das artes e das comunicações, as guerras tornaram-se objeto de reflexões e produção rica, ampla e heterogênea. As vanguardas do início do século XX interpretaram os conflitos de seu tempo em obras e manifestos, majoritariamente contrários às guerras.

Fatos tornaram-se símbolos, e guerras reais geraram guerras de imagens e de idéias. Sob os holofotes das mídias eletrônica e escrita, imagens de guerras foram apreendidas e exibidas, compondo um imenso espetáculo.

Do ponto de vista da análise do discurso, a guerra tornou-se um gênero extremamente presente no universo discursivo dos séculos XX e XXI. De acordo com Bakhtin,

> a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. (2003, p. 282).

Há, assim, um campo de comunicação discursiva determinado pelas mídias impressa e eletrônica que carrega características específicas formais e temáticas e impõe uma situação de comunicação também específica. Como gênero discursivo, traça um vasto campo intertextual, em que uma rede de textos assegura os sentidos que a guerra assume no mundo globalizado. Deixa de ser uma batalha travada para a conquista de poder e vai adiante, surge como uma composição plástica, como um gênero marcado estilisticamente, capaz de englobar não só o discurso jornalístico, mas a publicidade, o cinema, o video-game para a juventude, a moda, enfim, torna-se um determinante das formas de vida nos séculos XX e XXI.

Na publicidade, pode-se, por exemplo, verificar nos trabalhos de Toscani (1999), imagens de guerras na região dos balcãs. No cinema, as referências são

muitas. Recentemente, a indústria cinematográfica focalizou os conflitos entre EUA e países do Oriente Médio em produções que receberam prêmios e foram exibidas em diversas partes do mundo. É o caso do documentário de M. Moore "Fahrenheit 9/11" e de "Syriana – a indústria do petróleo", dirigido por Stephen Gaghan e que proporcionou a George Clooney o "Oscar" 2006 de ator coadjuvante. Observa-se, então, que a guerra é produzida como discurso, carregando a marca de representação simbólica que impregna a construção discursiva, além de, como discurso, constituir o ponto de encontro das estruturas da linguagem com as estruturas históricas.

Dessa forma, o evento midiático guerra ultrapassa aquilo que a guerra é de fato, como descreve Sontag, referindo-se ao registro fotográfico:

> Olhem, dizem as fotos, é *assim*. É isto o que a guerra *faz*. E mais *isso*, também isso a guerra faz. A guerra dilacera, despedaça. A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra *devasta*. (2004, p. 13).

É disso que vamos tratar, pois pouco ou nada sabemos das guerras. Vemos, lemos, ouvimos discursos sobre as guerras, mas, como discursos, estamos diante de representações simbólicas, que ora nos distanciam, ora nos aproximam da destruição de vidas e patrimônios, inclusive históricos.

Cobertura da guerra EUA/Iraque

> Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vigança. Ou apenas a atordoada consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem. (SONTAG, 2004, p. 16).

A Guerra EUA/Iraque tem todos os componentes desejados pela mídia para uma cobertura de impacto: teve uma preparação que incluiu a invasão ao Afeganistão e a mobilização da opinião pública dos EUA e de vários países, construindo um aspecto fundamental, descrito por Sontag (2004, p. 33). Essa autora afirma que a guerra precisa parecer "uma espécie de exceção entre as guerras e representar algo mais do que o choque de interesses dos próprios beligerantes".

Trata-se de uma segunda guerra, um segundo *round* que dois países e duas famílias – Bush e Hussein – travam na luta pela hegemonia no Oriente Médio; é uma "resposta" do Ocidente civilizado à barbárie terrorista que atingiu o grau máximo com os ataques aos EUA em 11/9/01. Esses fatores permitiram desenhar o início da guerra no contexto do "Eixo do mal", *slogan* publicitário estabelecido na primeira gestão de G. W. Bush na Casa Branca e que pretendeu dividir de forma

maniqueísta aqueles que defendem os valores ocidentais civilizados e os que se identificam com a suposta barbárie.

O discurso das mídias impressa e eletrônica, de forma não-explícita, transforma o que seria uma narrativa genuinamente polêmica, em uma narrativa contratual. Mesmo quando os jornais, obedecendo às normas dos manuais de redação, apresentam colunistas e intelectuais de prestígio com visões diversas sobre o fato, há também nesses jornais, de forma implícita, uma afirmação: veja como somos mais civilizados, aceitamos as divergências publicando várias opiniões. Há uma voz contratual que afirma: somos civilizados e eles não. É como se o outro, na Pré-História, não chegasse aos níveis de civilização que atingimos.

Note-se que estamos também tratando de questões de construção de um sujeito – o sujeito do bem, civilizado – e da alteridade em relação a esse sujeito – o sujeito do mal, a barbárie. Eric Landowski, na obra *Presenças do outro* (2002), analisa as relações de identidade e alteridade por meio do "Sr. Todo Mundo", o homem médio, dentro da chamada normalidade, personagem das sociedade de mercado no mundo globalizado:

> [...] ele [o Sr. Todo Mundo] se limita, em suma, a constar que os desvios de comportamento dos quais ele é testemunha – em relação a uma normalidade que ele mesmo encarna por construção – não têm consistência, valor nem fundamento e que, por isso, sua erradicação se impõe. Que a perseguição de tal objetivo passa inevitavelmente pela imposição de rudes danos à personalidade dos indivíduos ou dos grupos envolvidos não deixa nenhuma dúvida; porém, é este, a seus olhos, um mal necessário e perfeitamente justificável, já que, em vez de ceder a uma animosidade qualquer dirigida contra o Outro porque ele é outro (o que já dependeria de uma configuração diferente), trata-se, ao contrário, por um trabalho metódico e racional, [...] de ajudar o estrangeiro a livrar-se *daquilo que faz com que ele seja outro* – em suma, de reduzir o Outro ao Mesmo para que, um dia, ele possa integrar-se plenamente ao novo ambiente. (p. 8).

É para esse personagem – o "Sr. Todo Mundo", personagem construído no e pelo discurso midiático – que os discursos que compõem os sentidos da guerra são direcionados. Há uma enunciação, um fazer discursivo, cujo enunciatário – compreendido como um desdobramento do sujeito da enunciação – é aquele que não suporta a diferença; e, como afirma Landowski, vai tentar sempre, com a parceria do enunciador, "reduzir o Outro ao Mesmo".

Para a mídia, a Guerra EUA/Iraque traz a possibilidade de testar novos procedimentos e tecnologias. Em última instância, o Jornalismo – mas não só essa forma de apreensão da realidade pela mídia – tinha diante de si o grande desafio de estabelecer limites que obedecessem a uma ética condizente com o *ethos* de um enunciador civilizado, à cobertura de um evento que certamente marcaria a história do século que se iniciava. Essa linha de argumentação põe-se em sintonia

com Sontag (2004), quando considera que “a guerra era, e ainda é, a notícia mais irresistível – e pitoresca”. (p. 43).

Outro aspecto que contribuiu para transformar a guerra em grande evento foi a recusa do Conselho de Segurança da ONU em aprovar o que muitos consideraram – e parte da mídia reproduziu – como uma invasão. Isto ocorre no contexto descrito por Sader. Para ele

> os Estados Unidos se tornaram praticamente a única fonte de grandes iniciativas políticas internacionais, como demonstram as guerras do Golfo, da Iugoslávia, do Afeganistão e a nova guerra do Iraque. São o grande articulador de alianças, o grande formulador de ideologias contemporâneas, o líder inquestionável do bloco de potências capitalistas. (2004, p. 200).

A hegemonia geopolítica descrita apoia-se, segundo o autor, na hegemonia ideológica conquistada na segunda metade do século XX, com o decisivo apoio das indústrias culturais. Ainda segundo Sader (2004), “com os ataques de setembro de 2001, muda radicalmente o discurso do governo norte-americano, que passa a ter como tônica a “guerra contra o terrorismo”. (p. 201). Ao iniciar a guerra sem apoio do organismo internacional que ajudou a construir, os EUA impõem às demais nações sua ética e visão de mundo, estabelecendo uma contradição entre o discurso “civilizado” e a prática, associada à barbárie, o que possibilitou a Estados, veículos de mídia e intelectuais, classificar como “invasão” a ação norte-americana.

Mais uma vez, vemos o jogo entre identidade/alteridade traçando o possível, o aceitável e o inaceitável. Os civilizados *ocupam*, configurando o que Chomsky (1973) chamou, na década de 70 do século XX, a Guerra do Vietnã de “banhos de sangue benignos” em oposição aos “banhos de sangue malignos”. Já os bárbaros *invadem*. Civilizados podem travar guerras, desde que defendam os interesses de um mundo ocidental racional e pleno de boas maneiras para viver.

Preparativos: inevitabilidade

No documentário “O Consenso Fabricado”, Chomsky afirma que a mídia aceita as guerras como inevitáveis. Para ele não há nas redações e nas instituições jornalísticas, como um todo, a disposição em mostrar que as guerras podem ser evitadas, contentando-se apenas em divulgar os preparativos que antecedem as ações bélicas. Para ele, a mídia teria uma função pedagógica em relação à opinião pública, que deveria ser informada, sob uma perspectiva histórica, de que as guerras podem ser evitadas, de que a opção por esse recurso extremo deve ser assumida como uma derrota para a sociedade, considerando a principal característica humana que é a convivência perfeitamente sintonizada com a defesa da democracia nos moldes ocidentais. Trata-se de abandonar uma narrativa contratual para fazer-crer

que uma narrativa polêmica tornou-se contratual; isto é, abandonar a possibilidade do diálogo e das relações diplomáticas para fazer-crer que a única possibilidade é a guerra, que a única solução – por isso um consenso – para salvar a civilização é lutar contra "o eixo do mal".

Primeiras explosões, primeiras imagens

Não faremos aqui uma descrição das publicações, o que foge ao objetivo deste trabalho. A seleção pautou-se pelo posicionamento dos países em relação à guerra. Assim sendo, do eixo da "Coalização" foram selecionados jornais dos EUA, da Inglaterra, da Espanha e da Itália. Do eixo dos países contrários, da França e da Alemanha. Além desses, incluímos quatro dos principais jornais brasileiros – O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Zero Hora – e um do México. Países que não integram os organismos internacionais em sua plenitude, sem, portanto, interferir de maneira substantiva nas decisões acerca de assuntos da agenda pública internacional, Brasil e México têm importância relativa no cenário mundial, seja pelo peso de suas economias, seja por sua importância geopolítica no contexto das Américas. Além disso, a mídia assume importante presença nas sociedades locais e há claras evidências de que a dos EUA influencia o fazer jornalístico desses países, seja pelo trabalho das agências de notícias, seja pela forte interferência das indústrias culturais norte-americanas.

Na figura a seguir apresentamos as manchetes fotográficas e de textos publicadas em matérias de capa nos jornais selecionados.

IMAGENS DA GUERRA – GUERRA DE IMAGENS: 20 de março de 2003				
JORNAL	PAÍS	TÍTULO	TRADUÇÃO	DESCRIÇÃO DA FOTO
O Estado de S. Paulo	Br	EUA iniciam a guerra com bombardeio a Bagdá	—	Bola de fogo atingindo Bagdá (1)
Jornal do Brasil	Br	Guerra começa em alvos selecionados	—	Idem ao (1)
Folha de São Paulo	Br	EUA atacam Iraque	—	Idem ao (1)
O Globo	Br	Bagdá bombardeada	—	Idem ao (1)
Zero Hora	Br	Ataque em Bagdá	—	Fumaça causada pelo ataque (2)
The New York Times	EUA	Bush orders start of war on Iraq; missiles apparently miss Hussein	Bush ordena início da Guerra no Iraque. Os mísseis aparentemente não acertaram Hussein	Idem ao (1) – mais fotos de Bush e de Saddam
The Times	EUA	U.S. Strikes – Coalition missiles aim to hit 'leadership targets' in Iraq	EUA Bombardeiam – Mísseis da coalizão visam a atingir "alvos da liderança" no Iraque	Exército com armas para o alto e fotos menores: Saddam, Bush, avião e (2)
USA Today	EUA	U.S. launches second Gulf War with surprise missile strike at Iraq leaders	EUA lança segunda Guerra do Golfo com ataque-surpresa de mísseis aos líderes do Iraque	Idem ao (1)

IMAGENS DA GUERRA – GUERRA DE IMAGENS: 20 de março de 2003				
JORNAL	PAÍS	TÍTULO	TRADUÇÃO	DESCRIÇÃO DA FOTO
Chicago Sun-Times	EUA	War – Bush opens with surgical strike missile at Iraq leaders	Guerra – Bush abre com ataque cirúrgico aos líderes iraquianos	Idem ao (1)
Los Angeles Times	EUA	U.S. attacks Iraq. Explosions rock Baghdad in airstrike targeting government leaders; Bush, in tv address, says the war's only goal is 'to remove a threat'	EUA atacam Iraque. Explosões balançam Bagdá em ataque aéreo objetivando líderes do governo; Bush, em rede de televisão, diz que o único objetivo da guerra é "eliminar uma ameaça"	Idem ao (1)
El País	Esp	EE UU ataca Irak	EUA atacam Iraque	Idem ao (1)
El Mundo	Esp	Bush inicia la guerra em Irak	Bush inicia a guerra no Iraque	Vista de mesquita
The Guardian	Run	Iraq: the first shots are fired	Iraque: os primeiros tiros são disparados	Exército no deserto (3)
Le Monde	Fr	La guerre, son heure et sa légalité	A guerra, sua hora e sua legalidade	Charge
Le Figaro	Fr	Irak: l'ultimatum a expire, lês scénarios de la guerre	Iraque: expira o prazo, os cenários da guerra	Exército carregando mísseis
Le Gazzettino	It	Saddam nella morsa di Bush	Saddam na mira de Bush	Idem ao (3)
Die Welt	Al	Ultimatum an Saddam abgelaufen US-Truppen rücken in den Irak vor	Expirado ultimato a Saddam. Tropas dos EUA movem-se para o Iraque	Idem ao (3)
El Imparcial	Méx	Abren fuego contra Irak	Abrem fogo contra Iraque	Idem ao (1) com ângulo muito diferente

Figura 1: Imagens da guerra: 20 mar. 2003

De acordo com Alsius (2004, p. 12), "la base de la ética periodística es el derecho de los ciudadanos a estar bien informados. Ellos son los titulares de ese derecho". Qualidade relaciona-se à deontologia jornalística que, para esse autor (2004, p. 20-21), tem quatro princípios: veracidade, justiça, liberdade e responsabilidade. A convivência desses princípios é marcada por contradições e, muitas vezes, por conflitos cuja resolução acaba por desconsiderar um deles.

Ocorre, então, um outro aspecto relevante que precisa ser considerado. Os preceitos éticos estão sempre alicerçados a um sistema de valores e é justamente esse sistema de valores que causa uma série de questões que não podem ser desconsideradas. Entre o mundo ocidental judaico-cristão e o mundo islâmico, há dois sistemas de valores cujos pontos de divergências e conversões não podem ser desprezados. Há semelhanças e alteridades que formam identidades diversas. Assim, justiça e liberdade, como toda relação de valor, dependem de um modo específico de presença entre sujeito e objeto. Há a constituição de uma inter-

subjetividade, envolvendo toda a coletividade, que expressa quais são os objetos de valor e como se posicionar diante deles; a justiça em relação a quais posições e de que modo, a liberdade em relação a quais limites. Tivemos o exemplo do jornal dinamarquês que publicou uma charge do Profeta Maomé e a polêmica que essa charge alcançou. Defesa da liberdade em função de quais valores? Observando cuidadosamente os jornais pesquisados, vemos que há sempre uma oposição conceitual mínima que embasa o sentido do texto e pode nos revelar os valores que estão em jogo. Trata-se, enfim, de valores que foram construídos no e pelo discurso da mídia. A mídia ocidental traça, por meio de estratégias discursivas e articulações narrativas, a projeção de valores, de relações lógico-conceituais que sustentam o texto.

Nas manchetes de textos observamos que a relação que se estabelece na ação militar é apresentada como movimento dos EUA contra o Iraque, havendo predomínio da indicação EUA/Iraque nos textos. Outras relações, porém, são trazidas às manchetes: Bush/Saddam é a mais significativa, pois restringe o conflito aos governantes de um e de outro país. Há, ainda, a utilização de textos que não indicam países ou pessoas, apenas o termo *guerra*.

Essas diferentes formas de referir-se ao fato, objeto da cobertura jornalística, mais do que refletir o formato da cobertura, revela relações lógico-conceituais profundas que sustentam o sistema de valores sobre o qual o veículo se apóia. São valores como: guerra e paz; bem e mal; democracia e tirania; civilidade e barbárie. Articular esses conceitos fundamentais, levando em conta a tensividade que comportam, nos auxilia a compreender esses textos. E o que mais nos impressiona é que expressões como "fogo-amigo", e outras largamente empregadas em textos jornalísticos, indicam que as articulações lógico-semânticas fundamentais aproximam a guerra de conceitos como bem, democracia e civilidade. A suposta paz, ou seja, a não-guerra, no Oriente Médio é deixar o povo iraquiano à mercê do mal/tirania/barbárie.

É preciso, também, levar em conta que a capa do jornal tem uma repercussão que vai muito além do conteúdo da matéria que internamente apresenta o fato. O número de pessoas que lê as manchetes é muito maior, e o leitor as entende como uma espécie de agenda dos fatos mais importantes do dia.

Tais manchetes chegaram a cidadãos de diferentes países e contribuíram para formar opinião acerca do conflito que se iniciava. A diversidade nas manchetes certamente não reflete uma cobertura nos marcos dos princípios indicados anteriormente. Longe disso. Apenas um jornal, o *US Today* (EUA), refere-se à guerra como "segunda guerra do Golfo"; ou seja, o conjunto dos jornais abordados neste trabalho não utilizou a manchete para apresentar uma perspectiva histórica, o que seria relevante para cumprir um dos itens do "princípio de veracidade", segundo o qual deve haver "contextualização e aprofundamento da

informação". (AUSIUS, 2003, p. 22). Sabemos que a manchete é fundamental para chamar a atenção para o fato narrado, mas não só, pois interfere na compreensão do fato, na medida em que já apresenta um viés na cobertura, neste caso, privilegiando os protagonistas e não a compreensão mais ampla do evento em um contexto político marcado por conflitos de toda ordem, exemplarmente narrados, ao longo do século XX, pelos meios de comunicação de massa.

Observa-se, também, na leitura das fotos, a presença, nas publicações brasileiras, norte-americanas e no jornal espanhol, da bola de fogo sobre Bagdá. A imagem de uma bola de fogo vinda do céu e caindo sobre a cidade remete a um sentindo messiânico. O fogo, para o Ocidente cristão, comporta um percurso figurativo relacionado ao inferno. Entretanto, o que mais chama a atenção é uma inversão nessa figuratividade profundamente enraizada no mundo cristão. O fogo, nesse caso, vem como uma estrela celeste libertadora: libertará a cidade de uma vida sob o domínio tirânico de Saddam.

Considerando enunciador e enunciatário como desdobramentos do sujeito da enunciação (GREIMAS; COURTÉS, 1983), o enunciador-jornal e o enunciatário-leitor, ambos tomados como sujeitos coletivos, tecem, a partir de um contrato, os sentidos do texto. Trata-se de sujeitos coletivos sensibilizados, ou seja, construídos sob a tensão passional do ser e não exclusivamente em torno do fazer discursivo. Há, assim, a construção dos valores no discurso por meio da percepção de um sujeito sensível. Essa percepção determina morfologias que permitem o devir do objeto e o sentir, a afetividade – um sistema de atrações e repulsões – uma energia que comporta a percepção e determina o devir do sujeito. As fotografias estampadas nas manchetes dos jornais mostram, pela carga topológica, cromática, figurativa, um grau de intensidade, uma tonicidade sensível de alto impacto, "demonstrando uma profundidade intensa na fixação do objeto pelo sujeito". (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 37). As escolhas das morfologias da percepção, do modo como o sujeito irá compor as figuras do mundo, são concentradas nas figuras que compõem a guerra, tudo isso constrói imagens profundamente sensibilizadas, de impacto, aspectualizando a guerra como intensa e conferindo-lhe uma pontualidade fictícia, pois, como já mencionamos, há um processo histórico, extenso, que é roubado da imagem em benefício de uma carga sensível a serviço de uma abordagem factual e não histórica.

As representações do fim: apenas o começo?

Na figura que apresentamos a seguir estão as manchetes fotográficas e de texto publicadas nos mesmos jornais incluídos na figura referente ao dia 20/3. Essas informações referem-se ao dia 10/4 e registram a vitoriosa presença das "Forças de Coalização" na capital do Iraque, Bagdá.

IMAGENS DA GUERRA – GUERRA DE IMAGENS: 10 de abril de 2003				
JORNAL	PAÍS	TÍTULO	TRADUÇÃO	DESCRIÇÃO FOTO
O Estado de S. Paulo	Br	Bagdá conquistada	–	Estátua de Saddam coberta por bandeira americana (1) e estátua caindo (2). Fotos secundárias das tropas
Jornal do Brasil	Br	EUA controlam Bagdá e governo de Saddam some	–	Estátua de Saddam caindo atrás de soldado (3). Secundárias: (2) e iraquianos em festa
Folha de S. Paulo	Br	Povo nas ruas festeja a queda de Saddam	–	Idem ao (1) e tropa em cima de carro
O Globo	Br	Regime de Saddam cai sem luta	–	Idem ao (1) e charge
Zero Hora	Br	A queda de Bagdá	–	(2) grande destaque. Ao lado: 3 fotos c/ trajetória da cena, incluindo (3)
The New York Times	EUA	U.S. forces take control in Baghdad; Bush elated; some resistence remains	Forças Armadas de EUA assumem o controle em Bagdá; Bush irritado; permanece alguma resistência	Principal (1). Mais três: estátua quase ao chão e iraquianos comemorando
The Times	EUA	Ecstatic citizens of Baghdad celebrate fall of Saddam Hussein's 25-year rule. LIBERATED! Whereabouts of dictator unknown; isolated pockets of resistence continue	Cidadãos estáticos de Bagdá celebram a queda do regime de 25 anos de Saddam Hussein. LIBERTADO! Paradeiro do ditador desconhecido; manifestações isoladas de resistência perduram	Festa com soldados (principal). Abaixo: estátua de Saddam ao chão (4)
USA Today	EUA	Baghdad falls. Jubilant crowds swarm U.S. troops as 3-week war topples regime. 'Game is over'. Iraqi diplomat says	Bagdá cai. Multidão em júbilo se aglomera às tropas dos EUA enquanto guerra de 3 semanas derruba o regime. "O jogo acabou". Diz o diplomata iraquiano	(3)
Chicago Sun-Times	EUA	Baghdad falls. Celebration: jubilant Iraqis greet Marines in center of city. Danger ahead: regime crumbles, but White House warns, 'the war is not over'	Bagdá cai. Celebração: iraquianos em júbilo saúdam fuzileiros no centro da cidade. Perigo à frente: regime se esmigalha, mas a Casa Branca adverte: "a guerra não terminou"	(4) em grande destaque. Ao lado mais quatro fotos com a trajetória da estátua caindo
Los Angeles Times	EUA	Baghdad in U.S. Hands – symbols of regime falls as troops seize control	Bagdá nas Mãos dos EUA – símbolos do regime caem enquanto tropas assumem o controle	(3)

Figura 2: Imagens da guerra: 10 abr. 2003.

Nessas imagens chama a atenção a verticalidade descendente. Da mesma forma que as imagens anteriormente analisadas, há uma tensividade de grande impacto e uma pontualidde fictícia em relação ao processo histórico, desta vez projetada na forma descendente: trata-se do declínio, da queda. Do ponto de vista da intertextualidade, a figura da queda aparece vastamente explorada no fim da década de 80 do século passado, quando chega ao fim a divisão da Alemanha. É mais uma vez o Império que cobre com sua bandeira um mundo cada vez mais hegemônico, no qual, ainda voltando a Landowski, tenta-se "transformar o Outro no Mesmo".

Seria possível uma outra construção discursiva, mostrando a tirania sangrenta que os anos Saddam impuseram ao Iraque, justificando, assim, a busca pela democracia que os EUA levam ao país; mas a presença da bandeira americana, por uma composição intertextual de textos dos meios de comunicação, já se mostra como signo de liberdade e democracia. Essa bandeira está impregnada de um valor de equivalência, esvaziando, roubando e restituindo a história como uma das mitologias que compõem a sociedade contemporânea (BARTHES, 1987).

IMAGENS DA GUERRA – GUERRA DE IMAGENS: 10 de abr			
JORNAL	PAÍS	TÍTULO	TRADUÇÃO
El País	Esp	El régimen de Saddam se desploma	O regime de Saddam che ao fim
El Mundo	Esp	Estados Unidos tumba a Saddam	EUA derrubam Saddam
The Guardian	UK	The toppling of Saddam – an end to 30 years of brutal rule.	A queda de Saddam – um fim a 30 anos de regime brutal
Le Monde	Fr	La déblâque du pouvoir irakien	A queda do poder iraquia
Le Figaro	Fr	Bagdad est tombé	Bagdá foi derrubada
Le Gazzettino	It	Baghdad libera, l'incubo è finito	Bagdá libertada. A ditadu termina
Die Welt	Al	Nach 21 tagen krieg ist Bagdad von regime Saddam Husseins befreit	Depois de 21 dias de guer Bagdá está livre do regime de Hussein
El Imparcial	Méx	Saddam se desmorona	Saddam derrubado

Considerações sobre o discurso da guerra

Uma rápida análise das manchetes das edições dos jornais abordados indica inúmeras contradições nas mensagens relativas à guerra EUA/Iraque que estiveram à disposição de leitores em sete diferentes países. As manchetes informam que:

– A vitória da coalização pôs fim aos trinta anos de "regime brutal" de Saddam (*The Guardian*);

– Cidadãos celebram a queda do regime de 25 anos de Saddam Hussein (*The Times*);
– Bagdá está nas mãos dos EUA (*Los Angeles Times*);
– Bagdá foi libertada. A ditadura termina (*Le Gazzettino*);
– Bagdá está livre do regime de Hussein, depois de 21 dias de guerra (*Die Welt*);
– O poder Iraquiano caiu (*Le Monde*).

Não é difícil perceber que há inúmeras contradições e um nível de desinformação relevante. Parte dos leitores foi informada da "libertação" de Bagdá ou do povo iraquiano, e parte foi informada de que ocorreu o fim do poder iraquiano. Quanto ao regime liderado por Saddam Hussein, o leitor foi informado de tratar-se de "ditadura", "regime brutal", ou, ainda "regime de Saddam". As referências indicam um período de 25 ou 30 anos do regime, o que só faz ampliar o desconhecimento do público quanto ao exercício do poder no Iraque antes da "invasão norte-americana".

A análise da cobertura dos jornais brasileiros revela um outro aspecto: a relação entre eventos que motivam cobertura global e aqueles de alcance regional. Na edição de 10/4/2003 dos jornais "O Globo" e "Jornal do Brasil", há um mosaico de temas que caracterizam a relação entre global e local que, segundo Miège (1995, p. 2), dão origem ao "glocal". Os principais órgãos da imprensa diária, segundo essa concepção, divulgam tanto temas da agenda pública internacional quanto aqueles de interesse nacional ou local, segundo critérios de noticiabilidade definidos tanto pela cultura jornalística quanto pela linha editorial do veículo. Diferentes temas e imagens disputam o espaço da capa com a manchete, nesse dia dedicado à guerra EUA/Iraque. Na edição do "Jornal do Brasil" e do "O Globo" de 10/4, a realidade apresentada revela uma aparente contradição: ao ler as manchetes (JB: "Povo nas ruas festeja a queda de Saddam"; O Globo: "Regime de Saddam cai sem luta"), o leitor é informado de que a guerra EUA/Iraque chegava ao fim. As manchetes revelam que há motivos para festejar, pois a guerra, apesar da distância, atraía a atenção do público; já a manchete secundária, inserida na parte inferior da capa, revelava a continuidade de uma "guerra local" (JB: "Bandidos voltam a atacar a cidade em várias frentes"; O Globo: "Rio: a guerra continua"). Acentua essa contradição a retranca adotada pelo Jornal do Brasil: para uma "Guerra no Iraque"; para a outra "A guerra do Rio". No "O Globo" há retranca apenas para o evento global, "a guerra de Bush".

Como regra geral, a cobertura deveria ser informativa, permitir a apreensão da realidade e uma reflexão acerca do intenso sofrimento daqueles efetivamente envolvidos em situações como a guerra EUA/Iraque e, relativamente à situação do Rio de Janeiro, apresentar um quadro geral sobre os fatos, respeitando o sistema de valores presente na sociedade, isto é, apresentando uma postura ética.

JORNAL DO BRASIL

1891

Festa manchada

VASCO SAI NA FRENTE

Surpresa

PRIMEIRO MÍSSIL ERA DESTINADO A SADDAM

GUERRA COMEÇA EM ALVOS SELECIONADOS

Presidente dos Estados Unidos anuncia o início dos ataques ao Iraque pela TV

EUA esperam guerra mais longa do que se imaginava

Ataque maciço previsto para esta tarde

Blair se encontra hoje com Chirac

Bombardeios começam 90 minutos após o prazo final

Primeiros soldados iraquianos se rendem

PLANO ESTRATÉGICO REÚNE MINISTROS

Lula cobra mais agilidade

zh.clicrbs.com.br

ZERO HORA

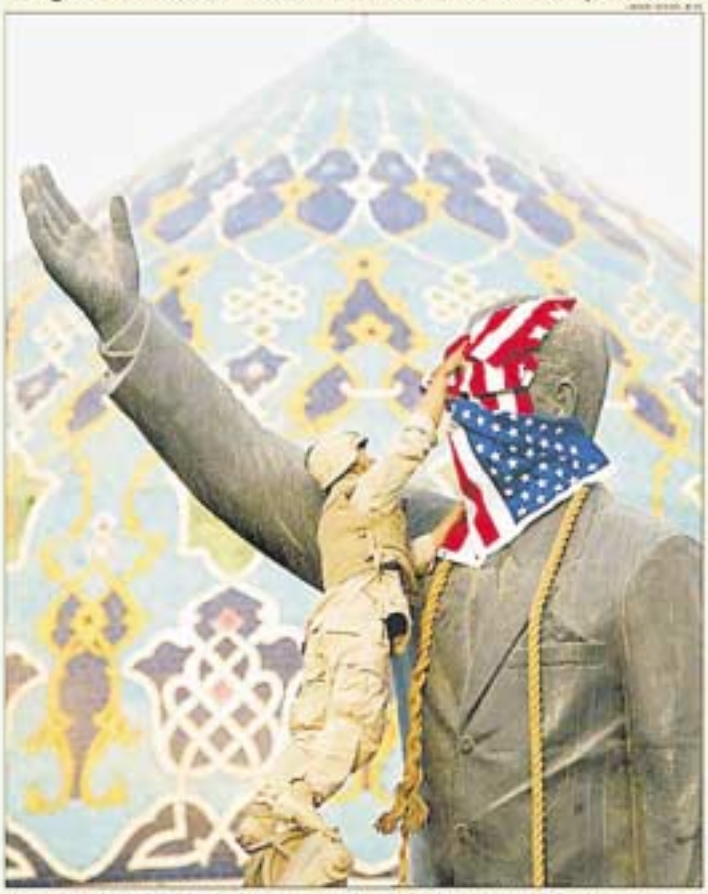
Ano 39 - Nº 13.746 PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2003 SC/PR R$ 1,50 RS R$ 1,25

A queda de Bagdá

Regime de Saddam desmorona diante de tanques dos EUA no coração da cidade

Três semanas depois de uma salva de mísseis lançada sobre Bagdá anunciar o início da Guerra no Iraque, a cidade de 5 milhões de habitantes caiu quase sem resistência diante do poderio militar dos Estados Unidos.

Sem notícias do ditador Saddam Hussein, ministros e outros ex-líderes iraquianos desapareceram de uma Bagdá em caos, tomada por hordas de saqueadores.



Um marine coloca a bandeira dos EUA em uma estátua de Saddam no centro de Bagdá, pouco antes de ela ser derrubada e pisoteada por iraquianos

Saddam desaparece em nuvem de rumores

Combates prosseguiam em áreas isoladas

Embaixada do Iraque em Brasília queima documentos

Página 4 a 18

Para Alfredo Bosi (1992, p. 309) cultura é o compartilhamento de valores e objetos. Uma ética pautada em valores e imagens como as aqui analisadas tende a reforçar uma compreensão ideológica da realidade e a compor uma noção calcada na aceitação dos fatos como fatalidade, como única possibilidade, acentuando o conformismo que, segundo Bosi (p. 323), caracteriza em parte nossas culturas, contrariando em tudo o caminho construído pelas ciências na modernidade, e, diversamente, agradando aos ideólogos da globalização em curso.

Há uma guerra EUA/Iraque; não há guerra no Brasil. A guerra EUA/Iraque insere-se no contexto das disputas por hegemonia, inclusive na área das comunicações. A violência é uma realidade não só local, mas do país, resultado de um modelo adotado de fora para dentro. O que a cobertura não revela é a relação existente entre eventos de naturezas diversas e com incidência diferenciada na vida do cidadão. Não revela que "as injustiças não melhoram com o tempo, apenas se perpetuam". (SUWWAN, 2004, p. A2).

Segundo Sontag (2004, p. 32), "o fotojornalismo conquistou o reconhecimento que lhe era devido no início da década de 1940 – tempo de guerra". Os 'Tempos de guerras' ainda não chegaram ao fim. No cenário das mercadorias culturais "majoritariamente produzidas no norte" (MIÈGE, 1995), mais que fabricar consensos, fabricam-se guerras. Para Benjamin (1994, p. 195) "somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de produção". Se existe uma ética nesse processo, Benjamin (1994, p. 196) a descreve como ética das imagens, na qual a vida humana perde sentido e a técnica ganha importância. No contexto descrito, Benjamin (1994, p. 196) conclama a sociedade a buscar um humanismo capaz de vencer a técnica criada pelo próprio ser humano e que, no limite, o ameaça, como nos fazem ver produtos cinematográficos desde os anos 1920 – *Metropolis*, *2001 uma odisséia no espaço*, *Blade Runner*, *Matrix* – entre tantos outros. As guerras parecem não ter fim. Suas representações na mídia também não.

Neste momento a guerra que é tema deste trabalho já não ocupa as primeiras páginas dos jornais: substituiu a guerra EUA/Afeganistão que foi substituída por catástrofes naturais, eventos esportivos e outra guerra que se anuncia, tendo como protagonistas, de um lado, EUA, de outro, o Irã. A razão: as mesmas apresentadas para as anteriores: proteger o mundo do eixo do mal. Fazer vencer a civilização, mesmo que para isso tenhamos que assistir à barbárie, já que, "nas guerras santas de todas as espécies, o Bem somos nós, civilizados – contra o Mal, os outros, Bárbaros". (NOVAES, 2004, p. 10).

Cabe ainda ressaltar a questão da construção de um leitor. As propostas da Retórica Clássica, retomada por autores contemporâneos, indica um *ethos* do enunciador-jornal. O *ethos* é a imagem que o enunciador constrói de si por meio do discurso – o *logos*. São os traços de caráter que o enunciador mostra ao

auditório, não importando a veracidade ou a sinceridade, o que temos é uma construção discursiva (por meio do *logos*) da imagem que é construída. Trata-se de apreender um sujeito formalizado pelo discurso e não de uma subjetividade fundada no psiquismo.

Ao construir um *ethos*, o discurso constrói também um *pathos*, a imagem que o enunciador constrói do auditório. O *pathos* possui uma dimensão cognitiva, patêmica e perceptiva; e a eficácia do discurso depende das relações entre o *pathos* e o *ethos*, relações de identidade e complementariedade.

Nos meios de comunicação de massa, o texto é produzido por diferentes enunciadores, compondo um enunciador coletivo, um sujeito múltiplo sobredeterminado por uma instituição que o guia, delimitando os valores que devem ser obedecidos. No jornal, há essa multiplicidade de enunciadores – repórter, editor, direção e outros – compondo uma voz, um *ethos* que, por meio do discurso jornalístico, construirá um *pathos*, um leitor.

Nos discursos da guerra, esse leitor é construído como um leitor do bem, mas que, mesmo sendo do bem, civilizado, não deixa de compactuar com os "banhos de sangue benignos", com o "fogo amigo", pois lutar contra a barbárie, contra uma alteridade do mal, passa a ser uma questão de defesa de valores, uma questão de ética.

As fotos com a bandeira americana trazem a marca da civilidade, da democracia, valores que nunca podem ser esquecidos. Constrói-se um leitor branco e pálido, independentemente da cor da pele, mas com a cor da alma opaca. A virtude, mais uma vez, desde a Antiguidade clássica, é tida como a justa medida, prevalece o bom senso, as opiniões razoáveis, pautadas pela busca de uma alteridade especular. Todas as imagens construídas pelo discurso almejam o espelho, impondo à diversidade, ao outro, sempre o signo da ameaça.

Referências

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso.* São Paulo: Contexto, 2005.

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALSIUS, S. Ética no? Ningún problema: ilamadle calidad. In: MOREIRA, S. V; BRAGANÇA, A. *Mídia, ética e sociedade*. Belo Horizonte: PUC/Minas/Intercom, 2004.
BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1987.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

_____. Sobre o conceito da história. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BERGER, C. Jornalistas na guerra do Iraque. In: MOREIRA, S. V; BRAGANÇA, A. *Mídia, ética e sociedade*. Belo Horizonte: PUC Minas/Intercom, 2004. p. 31-41.

BOCCANERA, S. O modelo americano em questão. *Revista Primeira Leitura*, ed. 29, p. 88-97, jul. 2004.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BORELLI, S. H. S. Imaginários da guerra EUA contra Iraque: primeiros momentos em 2003. In: MOREIRA, S. V; BRAGANÇA, A. *Mídia, ética e sociedade*. Belo Horizonte: PUC Minas/Intercom, 2004. p. 43-49.

CHOMSKY, N. *Banhos de sangue*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

COELHO, C. N. P. O conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea. *Revista Communicare*, São Paulo: Fundação Cásper Líbero, v. 2, n. 2, p. 35-46, 2002.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EICHENBERG, F. O Iraque no divã francês. *Revista Primeira Leitura*, ed. 29, p. 86-87, jul. 2004.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.

FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAMESON, F. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1977. p. 105-117.

MERTON, R. K.; LAZARSFELD, P. F. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, G. (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1977.

MIÈGE, B. A multidimensionalidade da comunicação. In: *INTERCOM*, 18., 1995, Aracaju.

MOREIRA, S. V; BRAGANÇA, A. *Mídia, ética e sociedade*. Belo Horizonte: PUC Minas/Intercom, 2004.

NERY, J. E. Ética em tempos de aldeia global. *Revista Unicsul*, São Paulo: Unicsul, 2002.

NOVAES, A. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SADER, E. As redes do imperialismo. In: NOVAES, A. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 197-206.

SHINAR, D. Técnicas, narrativas e ética na cobertura de guerras. In: MOREIRA, S. V; BRAGANÇA, A. *Mídia, ética e sociedade*. Belo Horizonte: PUC Minas/Intercom, 2004. p. 25-29.

SILVA, C. E. L. da. Contradições na cobertura jornalística americana no Iraque. *Revista Política Externa*, v. 12, n. 3, p. 5-25, dez./jan./fev. 2003/2004.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SUWWAN, F. Dois pesos e duas medidas. *Folha de São Paulo,* p. A2, 18 jun. 2004.

TOSCANI, O. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WISNIK, J. M. Ilusões perdidas. In: NOVAES, A. *Ética*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.